

**O ENSAÍSMO ROMANESCO DE JOSÉ RÉGIO**  
(Uma leitura do *Jogo da cabra cega* e do ciclo *A velha casa*)<sup>1</sup>

Luís Fernando Prado TELLES

**RESUMO** *Este texto procura descrever de forma sintética os passos dados no estudo que constitui a Dissertação de Mestrado que dá título ao presente artigo. Tal trabalho teve como objeto parte da produção romanesca do autor português José Régio (1901-1969), mais especificamente a obra Jogo da cabra cega, editada integralmente pela primeira vez em 1934, e o ciclo de romances A velha casa, editado entre os anos de 1945 e 1966. O referido estudo aborda uma característica particular de tais obras, que diz respeito à inserção de teorizações no corpo narrativo romanesco. Trata-se, pois, de uma tentativa de leitura interpretativa que tem o seu ponto de partida na organização e no entendimento de tais teorizações. Por esse ponto de partida, propõe-se a existência de um ensaio de idéias nos romances, a partir do qual são estabelecidos alguns pressupostos interpretativos dos mesmos. A hipótese de um ensaísmo romanesco em José Régio constitui-se, pois, como um procedimento de leitura que tem como principal estratégia o entendimento da articulação entre o “récit de paroles”, que é o lugar das teorizações no romance, e o “récit de événements”, que é o responsável pela criação das personagens e, conseqüentemente, por instaurar a ficção do romance.*

**ABSTRACT** *This text is an attempt to describe the study that formed the Thesis of Master's Degree that give title to this paper. That work took as object part of romanesque production of the portuguese author José Régio (1901-1969), more specifically the novel Jogo da cabra cega, edited in full by the first time in 1934, and the five-novel family saga A velha casa, edited between 1945 and 1966. The study approaches a particular feature of the novels above mentioned: the insertion of the theorizations in the narrative whole of them. The work is an attempt to do a interpretative reading based on the understanding of the theorizations that was mentioned. By that way, it was proposed the being of one essay of ideas into the*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, no dia 18 de dezembro de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Haquira Osakabe.

novels, from that some interpretatives sources was settled. Therefore, the hypothesis of one "ensaísmo romanesco" into the José Régio's novels it means one reading procedure that have as main strategy to comprehend the relationship between the "récit de paroles", the place of the teorizations into the novels, and the "récit de événements", that is the responsible to create the characters and, consequently, to establish the novel's fiction.

O referido estudo de Mestrado teve o seu ponto de partida na constatação, advinda de uma nossa primeira leitura da produção romanesca de José Régio, em especial do *Jogo da cabra cega* e do ciclo romanesco *A velha casa*, da preponderância daquilo que identificamos como sendo a expressão de pensamentos: idéias ou teorizações. Com o decorrer de nossas leituras, pudemos constatar também que isso que julgávamos, num primeiro momento, uma peculiaridade da prosa narrativa romanesca de José Régio, era menos uma peculiaridade do que uma possibilidade de realização que o próprio gênero romanesco deixa em aberto. Observando o percurso de formação deste, pudemos constatar que a referida característica dos romances de José Régio não deixava de ser uma realização recorrente na própria história do gênero.

A idéia de uma combinação de características de dois gêneros literários multiformes, o ensaio e o romance, foi o que nos sugeriu a proposição da fórmula *ensaísmo romanesco*. Ao invés, portanto, de iniciarmos nosso estudo com uma preocupação voltada a uma definição formal prévia desses dois gêneros envolvidos, resolvemos tirar proveito justamente da dificuldade de definição (proporcionada por suas várias possibilidades de realizações) para justificar essa nossa hipótese que, de certo modo, sugere uma espécie de trânsito de características de um gênero a outro, ou uma certa interseção de características entre dois gêneros.

Assim sendo, procedemos a um trabalho com a noção de romance enquanto gênero, procurando pensá-lo a partir de seu caráter multiforme. Tendo isso em vista, procuramos demonstrar de forma panorâmica, sob uma perspectiva histórico-literária, as diversas possibilidades de realizações do gênero romanesco. Para tanto, tomamos como ponto de partida a obra considerada a iniciadora da forma romanesca moderna, *El Lazarillo de Tormes*. A partir desta, o percurso histórico foi se completando com a leitura de *La Princesse de Clèves*, *Manon Lescaut*, *Le Neveu de Rameau*, *Les Liaisons Dangereuses*, *Le Rouge et le Noir*, *Le Père Goriot*, *Madame Bovary*, *Crime e Castigo*, *À La Recherche du Temps Perdu*, até chegarmos à contemporaneidade, com, por exemplo, *To the Lighthouse* de Virginia Woolf.

Em todo esse percurso panorâmico tivemos nossa atenção voltada principalmente para o trabalho com as relações entre o "romance" e o "pensamento". Tentamos delimitar duas espécies de "pensamentos" quando nos referimos a uma obra romanesca. Ao pensamento que é representado pela narrativa romanesca demos o nome de "pensamento interno". Ao pensamento que o leitor obtém do processo

configurativo de leitura da obra romanesca, pelo qual apreende como um conjunto tanto o pensamento representado (“pensamento interno”) quanto as cenas e os acontecimentos relatados, demos o nome de “pensamento externo”. Esse “pensamento externo” corresponderia àquele que depende do processo configurativo de leitura e que difere das outras classes do pensamento. Corresponderia, portanto, ao que é entendido na teoria literária como sendo a *diánoia* da obra literária.<sup>2</sup>

Tendo em vista o caráter multiforme do romance enquanto gênero, suas várias formas de realização ao longo da história, bem como suas diferentes relações tanto com o “pensamento interno” quanto com o seu “pensamento externo”, procuramos pensar a nossa hipótese de uma inserção do ensaio na prosa romanesca. Foi assim que chegamos à conclusão de que o *ensaísmo romanesco* deve ser entendido não apenas com uma preponderância do “pensamento interno” na narrativa (no caso teorizações), mas sim a partir do sentido maior que este ganha ao ser entendido junto aos acontecimentos relatados no romance; ou seja, seria pela compreensão do “pensamento interno” no conjunto maior da narrativa que se tornaria possível chegar ao “pensamento externo” do romance. Por essa via, o trabalho de constatação do que chamamos *ensaísmo romanesco* mostrou-se dependente de um processo configurativo de leitura que, conseqüentemente, apresentou-se-nos como uma espécie de leitura interpretativa da produção romanesca em questão. Esse trabalho inicial que procuramos descrever veio a constituir-se no primeiro capítulo da primeira parte de nosso estudo, o qual intitulamos “Sobre o romance e o pensamento”.

Em seqüência a esse trabalho inicial, brevemente descrito acima, apresentou-se-nos como necessária uma investigação a respeito das características básicas do ensaio enquanto gênero. Para tanto, demos procedimento a um breve esboço das noções de ensaio e ensaísmo extraídas da obra clássica de Michel de Montaigne, *Les essais*.<sup>3</sup> Assim sendo, de início, o ensaísmo foi entendido por nós, em essência,

---

<sup>2</sup> Northrop Frye faz uma leitura do conceito *diánoia* (“pensamento”), ao qual Aristóteles faz referência no capítulo XIX da *Poética* relacionando-o à Retórica. Sobre este conceito específico, Frye o entende do seguinte modo: “Em gêneros tais como os romances e peças, a ficção interna é comumente de interesse precípuo; nos ensaios e na lírica, o interesse primário está na *diánoia*, a idéia ou pensamento poético (algo muito diferente, por certo, das outras classes de pensamento) que o leitor obtém do escritor. A melhor tradução de *diánoia* talvez seja “tema”, e a literatura com esse interesse ideal ou conceptual pode ser chamada temática. Quando o leitor de um romance indaga: ‘Em que irá dar esta estória?’, está formulando uma pergunta sobre o enredo, especificamente sobre aquele aspecto crucial do enredo que Aristóteles chama reconhecimento ou *anagnórisis*. Mas é igualmente provável que pergunte: ‘Qual é o sentido desta estória?’ Esta pergunta relaciona-se com a *diánoia* e indica que os temas têm seus elementos de *anagnórise*, tal como os enredos têm.” Cf. FRYE, Northrop. *Crítica histórica: teoria dos modos*. In: *Anatomia da crítica*. São Paulo, USP & Cultrix, 1973, p.58

<sup>3</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Oeuvres Complètes*. Éditions Gallimard, 1962.

Para o trabalho com as noções de “ensaio” e “ensaísmo” derivadas de Montaigne, utilizamos basicamente os seguintes estudos:

FRIEDRICH, Hugo. *Montaigne*. France, Gallimard, 1968.

LIMA, Sílvio. *Ensaio sobre a essência do ensaio*. Coimbra, Ed. Arménio Amado, 1964.

como constituído por uma *atitude ensaística*; esta, por seu turno, foi compreendida como sendo concretizada a partir de um *discours acte*, ou seja, um discurso pelo qual o pensamento mostra-se em exercício, em construção.

Estabelecido o caráter do discurso teórico próprio do ensaio, passamos a trabalhar os elementos constituintes de uma arquitetura textual romanesca, a fim de se estabelecer possíveis maneiras de inserção do discurso ensaístico numa narrativa romanesca, partindo da distinção básica que comumente se faz no plano da linguagem ordinária entre *narração* e *discurso*.<sup>4</sup>

Tal distinção mostrou-se importante para a compreensão de como o discurso teórico, próprio do ensaio, destaca-se do plano narrativo. Em seguida, com o auxílio das teorias de Käte Hamburger<sup>5</sup>, procuramos entender de que forma é a própria narração que confere caráter ficcional a um texto romanesco. Assim, com base numa diferenciação entre a linguagem da realidade e a linguagem ficcional, passamos a pensar a distinção entre *narração* e *discurso*, agora, sob o patamar da ficção. Desse modo, chegamos a compreender que o que é entendido no plano da linguagem da realidade como *narração* e *discurso* passa a ser configurado na ficção romanesca, nos termos propostos por Gérard Genette, pelo *recit d'événements* e pelo *recit de paroles*.<sup>6</sup> Assim, se no plano da linguagem da realidade, como vemos em Harald Weirich, há dois mundos, o *mundo narrado* e o *mundo comentado*<sup>7</sup>; no plano da linguagem ficcional romanesca chegamos a propor, portanto, um *mundo narrado ficcional* e um *mundo comentado ficcional*. Seria, pois, este segundo mundo o lugar do discurso ensaístico no romance.

Assim sendo, se a *atitude ensaística* realiza-se naturalmente pelo *discours acte* que pode, a princípio, tratar dos mais variados temas e assuntos, é fato que constituído enquanto texto ele se liga diretamente ao objeto do qual trata, bem como ao sujeito que o produz. Essa atitude de tensão aproximativa entre o texto ensaístico, o seu assunto (ou objeto) e o seu produtor é compreendida como característica da *atitude de enunciação comentativa*. O ensaio enquanto texto é compreendido, pois,

---

MATHIEU-CASTELLANI, G. *Montaigne. L'écriture de l'essai*. Paris, Prof. Écrivains, 1988.

VILLEY, Pierre: Introdução à edição francesa de *Les Essais* de Michel de Montaigne.

STAROBINSKI, Jean. *Montaigne em movimento*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

<sup>4</sup> Para tanto, partimos da conhecida distinção entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso* elaborada em BENVENISTE, Émile. As relações de tempo no verbo francês. In: *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Companhia Editora Nacional & USP, 1976. p.270. Somada a essa distinção utilizamos também as explicações sobre a diferenciação entre discurso e narrativa encontradas em MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo, Martins Fontes, 1996. pp.8-17.

<sup>5</sup> HAMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo, Perspectiva, 1986.

<sup>6</sup> GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris, Éditions du Seuil, 1972. p.183-203.

<sup>7</sup> WEINRICH, Harald. *Tempus, Besprochene und Erzählte Welt*. Stuttgart, 1964. Em francês: *Les temps*. Paris, Éditions du Seuil, 1973. Em espanhol: *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid, Editorial Gredos, 1968.

como fazendo parte daquilo que chamou Harald Weinrich de *mundo comentado* da linguagem, isso em oposição ao *mundo narrado*.

Contudo, quando pensamos no *ensaísmo* em uma prosa romanesca vemos que os paradigmas mudam, pois a atitude ensaística, caracterizada pela tensão do mundo comentado, não deve ser pensada mais em relação a um assunto (objeto) e a um sujeito naturais, mas sim em relação a assuntos (objetos) e sujeitos restritos às regras impostas pelo mundo da ficção. Esta, por sua vez, é instaurada (segundo Käte Hamburger) pela narração, que, por seu turno, é a responsável pela existência de *eu-origenes-fictícias*, às quais são atribuídos os pensamentos e as falas constantes desse mundo. Assim sendo, como já anotamos anteriormente, o texto romanesco deve ser entendido a partir de uma bipartição: a parte que instaura a ficção compreende a narrativa de acontecimentos; a outra parte, que aparece inserida nesse mundo ficcional, corresponde à narrativa de falas. Dessa forma, no universo ficcional romanesco o *mundo narrado* deve ser compreendido como sendo constituído pelo *récit d'événements* ao passo que o *mundo comentado* realiza-se enquanto *récit de paroles* (inclui-se aí a narrativa de pensamentos). Portanto, se esse *mundo comentado* aparece num universo ficcional, logo deve ser entendido como um *mundo comentado ficcional*. Assim, se o lugar do discurso ensaístico (do *discours acte*) do texto teórico, na linguagem da realidade, é o do *mundo comentado*, logo, no universo ficcional romanesco o seu lugar será o do *mundo comentado ficcional*, ou seja, o do *récit de paroles*.

No entanto, esse *mundo comentado ficcional* (*récit de paroles*) não pode existir por si só, tal qual existe o *mundo comentado* no plano da linguagem da realidade, ou seja, as idéias ou teorias expostas no romance através das falas ou pensamentos das personagens (e/ou narrador) não podem ser tomadas como uma teoria à qual se possa fazer relações diretas com o mundo real. Melhor explicando, quando um filósofo elabora uma teoria (quando escreve um ensaio), essa teoria existe em si, enquanto texto concreto, e pode ser relacionada ao seu autor, ao objeto do qual trata, ao tempo em que foi produzida, etc. Uma teoria, um discurso, que chamamos de ensaístico, inserido numa narrativa ficcional, deve ter as suas coordenadas ditas por esse universo ficcional. Portanto, se o discurso teórico, *ensaístico*, vem em forma de *récit de paroles*, que é o lugar da exposição de teorias no romance, estas, por conseguinte, devem ser entendidas a partir das coordenadas dadas pelo *récit d'événements*, que é responsável pela instauração dos paradigmas do mundo ficcional, tais como o espaço, o tempo, as personagens, etc.

Tendo sido delimitado o lugar da inserção das idéias ou teorias no romance, podemos propor, em seguida, que o *ensaísmo romanesco* constituir-se-ia na medida em que a narrativa romanesca articula o *mundo comentado ficcional* (lugar do discurso ensaístico) com o *mundo narrado ficcional*. Só através dessa articulação é que as teorias expostas no romance ganhariam um sentido coerente em relação à *diegese* instaurada pelo *mundo narrado ficcional*. É nesse sentido que a noção de *ensaísmo romanesco* proposta no capítulo inicial tomou forma enquanto caminho

para a compreensão do “pensamento externo” do romance, ou seja, a sua *diánoia*. Esse nosso percurso teórico, necessário, portanto, à delimitação de uma noção geral do que chamamos de *ensaísmo romanesco*, veio a ser organizado no segundo capítulo da primeira parte de nossa Dissertação, capítulo este intitulado “A noção de ensaísmo na prosa ficcional romanesca: pressupostos teóricos”.

A segunda parte da Dissertação diz respeito exclusivamente ao processo de leitura investigativa de um *ensaísmo romanesco* nos romances escolhidos como objeto de estudo. O primeiro romance abordado foi o *Jogo da cabra cega*. Pautando-nos pelos dados trabalhados na primeira parte, procuramos realizar uma leitura desta obra no sentido de buscar uma articulação entre o seu *mundo comentado ficcional – récit de paroles* - (que se mostrou quantitativa e qualitativamente preponderante) e o seu *mundo narrado ficcional – récit d'événements* . Esse trabalho de compreensão e articulação entre esses dois mundos resultou, portanto, numa leitura interpretativa pela qual propusemos a existência de um certo “ensaio sobre a ironia” neste romance. Essa leitura aparece organizada, portanto, no primeiro capítulo da segunda parte de nosso estudo: “*Jogo da cabra cega* ou o ensaio sobre a ironia”.

Tendo sido feita a análise do romance de estréia de José Régio, demos prosseguimento ao nosso estudo com uma primeira leitura, de cunho constativo, do ciclo romanesco *A velha casa*. Baseados nos mesmos pressupostos que sustentaram nosso trabalho com o romance inicial, buscamos investigar a preponderância do *mundo comentado ficcional* no conjunto narrativo de cada obra constituinte do ciclo. Anotadas as evidentes diferenças de construção entre as duas produções romanescas, pudemos constatar ainda que os dois volumes iniciais deste ciclo não apresentavam a marcada característica de *Jogo da cabra cega*, isto é, a preponderância do *mundo comentado ficcional*. Essa característica só veio a se mostrar recorrente a partir do terceiro, permanecendo constante daí em diante. Juntamente com essa constatação inicial de caráter mais genérico, pudemos notar uma coincidência significativa entre estes três últimos romances e o *Jogo da cabra cega*: o reaparecimento de uma personagem (Jaime Franco) que se mostrou de importância fundamental enquanto proferidora de grande parte das idéias e teorizações contidas nele. Assim como em *Jogo da cabra cega*, portanto, tal personagem também aparece em *A velha casa* caracterizado sempre a partir de sua fala, ou seja, pelas idéias ou teorizações que profere.

Foi a partir dessa dupla constatação, provinda de uma primeira abordagem, que chegamos a propor uma hipótese investigativa do *ensaísmo* em tal ciclo romanesco. Tendo em vista a importância da referida personagem no processo de leitura, propusemos uma organização prévia das teorizações proferidas por ela. Por esse trabalho de organização passamos a pensar tais “teorias” paralelamente às já expostas em o *Jogo da cabra cega*. Através de um trabalho de alinhamento destas teorias, que se apresentavam dispersas, propusemos então uma sistematização de tais “retalhos de pensamentos” chegando a uma certa complementaridade entre eles. Esse trabalho de organização do *mundo comentado ficcional* referente a esta

personagem nos levou a propor a existência do que propusemos como sendo um *Ensaio sobre o fado*. Este se apresentou, portanto, como parâmetro para uma leitura interpretativa do ciclo romanesco, pela qual buscaríamos a compreensão de uma sua *diánoia* (“pensamento externo”), através do processo de articulação entre o seu *mundo narrado ficcional* e o seu *mundo comentado ficcional*. O procedimento de trabalho usado para a leitura de *Jogo da cabra cega*, feito a partir da compreensão de um “ensaio sobre a ironia”, foi transposto para a leitura de *A velha casa*, agora a partir da proposição da existência do que denominamos de *Ensaio sobre o Fado*. Toda essa primeira abordagem do ciclo romanesco corresponde ao segundo capítulo da segunda parte de nosso estudo, intitulado “Abrindo as portas d’ *A Velha Casa*”.

Trilhados os caminhos de leitura nesse segundo capítulo acima referido, demos início então ao trabalho com o primeiro romance do ciclo: *Uma gota de sangue*. Não havendo nesta obra uma preponderância do *mundo comentado ficcional*, como já salientamos, nossa leitura orientou-se no sentido de construir uma interpretação do seu *mundo narrado ficcional* de forma coerente à lógica do acima citado *Ensaio sobre o fado*. Nesse sentido, a leitura de *Uma gota de sangue* configurou-se como uma análise do percurso existencial da personagem protagonista (Lêlito), através da qual pudemos identificar em tal romance a problematização de certas questões prefiguradas no *Ensaio sobre o fado*. Essa análise encontra-se organizada no terceiro capítulo da segunda parte deste trabalho: “A revelação do ‘mal em si ou noutrem’ por *Uma gota de sangue*”.

Seguindo os mesmos parâmetros e dando continuidade à leitura do ciclo romanesco, passamos a trabalhar o romance seguinte: *As raízes do futuro*. A análise deste volume permitiu a constatação de um certo desenvolvimento das questões problematizadas no primeiro, referentes ao percurso existencial da personagem protagonista. Além disso, neste segundo número da série, vimos ser introduzidas as problemáticas existenciais de outras três personagens (João, Maria Clara e Angelina) que passam a ocupar, a partir daí, um lugar relevante no desenrolar da narrativa dos demais romances do ciclo. Assim, tal como em *Uma gota de sangue*, passamos a pensar o *mundo narrado ficcional* a partir das questões expostas no *Ensaio sobre o fado*. Nossa leitura deste segundo romance corresponde ao quarto capítulo da segunda parte deste estudo: “Entrando n’ *A velha casa: desvendando As raízes do futuro* da família de Azurara”.

A partir dos dados obtidos na análise do segundo romance do ciclo, a leitura dos demais romances passou a ser orientada no sentido de uma abordagem, em separado, do percurso existencial das personagens que aí se mostraram mais relevantes. É em torno das quatro personagens acima referidas que se desenvolvem os principais núcleos narrativos dos três últimos romances de *A velha casa*. Assim, para que se fizesse possível um melhor relacionamento com as questões propostas no *Ensaio sobre o fado*, fez-se necessário que acompanhássemos separadamente o desenrolar da história ficcional de cada personagem. Acreditamos, portanto, que esse tipo de abordagem dos romances tornaria mais eficaz não só o trato com o

*mundo narrado ficcional* (responsável por instaurar o percurso existencial de cada personagem), mas também com as diversas aparições do *mundo comentado ficcional*, que se fazem recorrentes a partir do terceiro romance do ciclo. Esse trabalho permitiu que situássemos as diversas inserções ensaísticas em relação ao caso particular de cada uma, sempre sob a perspectiva do referido *Ensaio sobre o fado*. Esse procedimento resultou nas análises dos três últimos romances do ciclo, as quais constituem o quinto capítulo: “O vaticínio do quotidiano ou *Os avisos do destino*”, o sexto: “A mundanidade trágica da condição humana ou *As monstruosidades vulgares*” e o sétimo: “Os particulares universais: *Vidas são vidas*”.

A terceira parte da Dissertação constitui-se de um estudo no qual procuramos estabelecer um “diálogo” entre nosso trabalho e a fortuna crítica referente à produção romanesca de José Régio. Grande parte dessa fortuna crítica resultou de um trabalho de recolha de material bibliográfico realizado na Biblioteca Nacional de Lisboa e no Centro de Estudos Regionais situado em Vila do Conde, cidade natal do autor. Tendo em mãos o material recolhido (inclusive dissertações de mestrado e teses recentes), estabelecemos como tarefa final situar o nosso procedimento de leitura, baseado na hipótese de um *ensaísmo romanesco*, frente a uma avaliação crítica já estabelecida sobre os romances trabalhados. A partir disso, buscamos pensar as nossas conclusões interpretativas resultantes desse nosso método de leitura em relação a algumas discussões já propostas por essa fortuna crítica, em especial procuramos pensar a questão metaliterária que se mostrou de fundamental importância quanto ao entendimento da problemática que envolve tanto o protagonista de *Jogo da cabra cega* quanto o de *A velha casa*. Tal estudo, que não cabe aqui ser descrito mais detalhadamente, constitui a terceira parte da Dissertação e corresponde ao que designamos como sendo o seu “Capítulo final”.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, E. (1987). *Mimesis*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- BENVENISTE, Émile. (1976). A relação do tempo com o verbo francês. In: *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional & Editora da USP.
- BOOTH, Wayne C. (1980). *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia Editora.
- \_\_\_\_\_. (1974). *A rhetoric of irony*. Chicago: The University of Chicago Press.
- FRIEDRICH, Hugo. (1968). *Montaigne*. Paris: Gallimard.
- FRYE, Northrop. (1973). *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix/ Edusp.
- GALHOZ, Maria Aliete. (1996). *Catorze ensaios sobre José Régio*. Lisboa: Edições Cosmos.
- GENETTE, Gérard. (1969). *Figures II*. Paris: Éditions du Seuil.



- \_\_\_\_\_. (1972). *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1983). *Nouveau discours du récit*. Paris: Éditions du Seuil.
- HAMBURGER, Käte. (1975). *A lógica da criação literária*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. (1964). *L'Ironie*. Paris: Flammarion.
- LIMA, Paula Margarida da Silva. (1997). *A idéia de literatura na obra romanexca de José Régio*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- LIMA, Sílvio. (1964). *Ensaio sobre a essência do ensaio*. Coimbra: Arménio Amado Editora.
- LISBOA, Eugénio (Direção). *Boletim do Centro de Estudos Regianos*. Câmara Municipal de Vila do Conde. N°1 (Dezembro de 1997), N°2 (Junho de 1998), N°3 (Dezembro de 1998), N°s. 4 e 5 (Junho-Dezembro de 1999).
- \_\_\_\_\_. (1973). O silêncio e a ironia na obra de José Régio. *O tempo e o modo*, n° 40, Jul-Ag. 1966, pp.770-83; reprod. In: MARQUES, Lourenço. *Crónica dos anos da peste I*, pp.25-48.
- \_\_\_\_\_. A presença e a ficção. *Colóquio/Letras*, N° 38, Jul. 1977, pp. 13-19.
- \_\_\_\_\_. (1986). José Régio, a obra e o homem. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- \_\_\_\_\_. (1957). *José Régio*. Porto: Livraria Tavares Martins.
- \_\_\_\_\_. (1978). *José Régio – Uma literatura viva*. Lisboa: Biblioteca Breve.
- LOPES, Óscar. (1956). A obra de José Régio. Ensaio crítico seguido de um inquérito ao autor criticado. Porto: Separata da *Lusíada*, Vol. III. N° 9.
- LOURENÇO, Eduardo. As confissões incompletas ou a religião de Régio [Confissão dum homem religioso] *Colóquio/Letras*, n°11, Jan. 1973, pp.20-7.
- \_\_\_\_\_. (1994). Situação de Régio. In: *O canto do signo. Existência e literatura (1957-1993)*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 144-9.
- MAINGUENEAU, Dominique. (1996). *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes.
- MARQUES, João Minhoto. (1993). *Arte e vida em Jogo da cabra cega de José Régio*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa.
- MATHIEU-CASTELLANI, G. (1988). *Montaigne. L'écriture de l'essai*. Paris: Puf. Écrivains.
- MONTAIGNE, Michel de. (1962). *Oeuvres complètes*. Paris: Éditions Gallimard.
- NUNES, Benedito. (1995). *O tempo na narrativa*. São Paulo: Editora Ática.
- NUNES, João Manuel de Sousa. *José Régio (1901-69): introdução aos seus romances*. Lisboa: Fevereiro de 1983. (Versão corrigida e traduzida para o português, pelo autor, da Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Manchester em abril de 1971).
- RÉGIO, José. (1971). *Jogo da cabra cega*. 3ª ed. Porto: Brasília Editora. (1ª Edição, 1934).
- \_\_\_\_\_. (1981). *Uma gota de sangue*. 4ª ed. Porto: Brasília Editora (1ª Edição, 1945).
- \_\_\_\_\_. (1982). *As Raízes do Futuro*. 3ª ed. Porto: Brasília Editora (1ª Edição, 1947).
- \_\_\_\_\_. (1980). *Os Avisos do Destino*. 3ª ed. Porto: Brasília Editora (1ª Edição, 1953).
- \_\_\_\_\_. (1985). *As monstruosidades vulgares*. 3ª ed. Porto: Brasília Editora (1ª Edição 1960).
- \_\_\_\_\_. (1985). *Vidas são vidas*. 3ª ed. Porto: Brasília Editora (1ª Edição, 1966).

- REUTER, Yves. (1996). *Introdução à análise do romance*. São Paulo: Martins Fontes.
- RIBEIRO, Álvaro. (1969). *A literatura de José Régio*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural.
- STAROBINSKI, Jean. (1992). *Montaigne em movimento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TADIÉ, Jean-Yves. (1992). *O romance no século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- VIEIRA, Yara Frateschi. (1974). *Níveis de significação no romance*. São Paulo: Editora Ática.
- WATT, Ian. (1996). *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras.
- WEINRICH, Harold. (1964). *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos.